

Os dentistas do bem

O projeto Dentista do Bem quer recuperar os sorrisos das crianças mais carenciadas. Nascido no Brasil em 2002, este projeto é hoje a maior rede de voluntariado especializado do mundo, com 11 mil dentistas responsáveis pelo tratamento de 23 mil crianças. Em 2011, a Fundação Gulbenkian associou-se à causa e começou a apoiar a sua expansão em Portugal. Fomos saber mais sobre este projeto que já devolveu o sorriso a 600 crianças portuguesas.



Inês Isidro

“**A**bre a boca, Inês”, pede a mãe, orgulhosa. Inês Isidro, de 11 anos, exibe o sorriso imaculado, meia dúzia de meses depois de ter iniciado os tratamentos com o médico dentista Pedro Ferreira Lopes, ao abrigo do projeto Turma do Bem – Dentista do Bem, apoiado pela Fundação através do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano. Em 2011, Inês foi uma das selecionadas de entre cerca de duas mil crianças entre os 11 e os 17 anos, de toda a Grande Lisboa, que participaram num rastreio odontológico no Museu da Eletricidade. Desde essa altura, as cáries, as dores persistentes, os analgésicos – e até o pânico da cadeira do dentista – deixaram de fazer parte do dia a dia da Inês. A somar à quantidade de problemas que tinha nos dentes, alguns tão estragados que não puderam ter outro fim que não a extração, as dificuldades económicas impediam a mãe de a levar ao dentista. “Quando recebi a carta em casa, a dizer que a Inês tinha sido selecionada para o projeto, não quis acreditar. Não tinha esperança nenhuma, foi um milagre”, conta a mãe. “Desde os três anos da Inês que vivemos só as duas e eu sozinha nunca poderia pagar estes tratamentos.”

DE SÃO PAULO PARA O MUNDO

Foi a pensar em casos idênticos a este que Fábio Bibancos fundou, em 2002, a Turma do Bem. O dentista brasileiro conta que só durante a divulgação do seu livro *Um sorriso para o seu filho* foi confrontado com a realidade das famílias carenciadas. “O livro ensinava os pais a resolver os problemas de saúde oral das crianças em casa, mas com um olhar absolutamente elitista, dirigido à classe média. Tem a ver com a minha formação”, explica. Numa primeira fase, o livro foi divulgado em escolas privadas, em que os pais tinham dinheiro para comprar os produtos recomendados. No entanto, verificou que nas escolas públicas a história era muito diferente: “Eu era um jovem profissional, com muito pouca visão de saúde pública e sem sensibilidade real para o problema. As mães vinham falar comigo

